

ABORDAGEM DO TEMA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TAMBORIL: IMPRESSÕES E IMPACTOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Ianca da Silva Barros¹
Leidimara Araújo Melo²
Ivan Lucas Melo Leite³
Adervan Fernandes Sousa⁴

RESUMO

O conceito de comunicação não violenta de Marshall Rosenberg (2003) foi o tema trabalhado pelas escolas da rede de ensino público do município de Tamboril no Ceará que adotam a proposta de Educação Contextualizada. Neste artigo, discutiremos os impactos e impressões que a temática Comunicação não violenta para uma cultura de paz tem causado na escola, segundo a percepção de professoras do ensino público do município de Tamboril no Ceará. Apresentaremos as abordagens de outros autores que integram a temática, como Ludmila Stigert (2017), Martinot e Fiedler (2016), dentre outros. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, também realizamos entrevistas com professoras das escolas CEI Maria Luisa do Vale e José Ramiro Teixeira Jorge. Abordar o trabalho com esta temática é importante por discutir um problema tão recorrente como é a cultura de violência que perpassa as relações tanto no ambiente escolar como extraescolar. Mostrando que a escola necessita trazer para seu seio estas discussões que estão também no seu entorno e afeta seus alunos (as) e, portanto, interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Partindo dos resultados positivos que foram percebidos, tais como, mudança no comportamento agressivo dos alunos (as), desenvolvimento de empatia, coloca a escola como agente importante na transformação social necessária de uma cultura de violência para uma cultura de paz.

Palavras-chave: Educação Contextualizada, Comunicação Não Violenta, PET/FAEC-UECE, Cultura de Violência, Cultura de Paz.

INTRODUÇÃO

O interesse de realizar este trabalho se deu após a participação como bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) da Faculdade de Educação de Crateús – FAEC/UECE (PET-UECE/FAEC). O PET abrange todos os cursos existentes no campus e trabalha sobre três eixos, que são eles; Ensino, Pesquisa e Extensão. A extensão acontece por meio da parceria com a Cáritas Diocesana de Crateús (CDC) instituição não governamental que desenvolve projetos e ações sociais para a emancipação de grupos menos favorecidos. É uma das responsáveis pelo desenvolvimento do projeto contexto, em parceria com outras instituições que compõem a plataforma de educação marco zero.

¹Graduanda do Curso de Química da Universidade Estadual do Ceará – UECE, iancaja@hotmail.com;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, leiidymelo@hotmail.com;

³Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, ivan.leite@aluno.uece.br;

⁴Doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal do Ceará- UFC, adervan.sousa@uece.br;

O tema central do PET-UECE/FAEC é ‘Educação Contextualizada’, o que permitiu a aproximação dos bolsistas a este modo de fazer educação, por meio de estudos teóricos, grupos de discussão, visita às escolas que trabalham com este modelo de educação.

A Educação Contextualizada se contrapõe ao modelo tradicional, pois o processo de construção do conhecimento considera o saber que o aluno adquire do seu contexto social que, depois de problematizado e transformado no contexto escolar, é retornado a comunidade, tornando o sujeito um ser crítico e protagonista de sua própria história.

O projeto Contexto: Educação – Gênero – Emancipação, está inserido em escolas do ensino público da região dos Sertões de Crateús no estado do Ceará, implementando a educação contextualizada para convivência com o semiárido brasileiro. É composto por três etapas; formações de professores, acompanhamento pedagógico e culminâncias. A cada semestre é trabalhado uma temática específica que surge a partir da demanda das comunidades nas quais as escolas estão inseridas.

A formação dos professores é realizada pelos agentes Cáritas nas escolas, onde inicialmente é feita uma breve apresentação da temática com embasamento teórico e em seguida os professores apresentam as suas experiências em sala de sobre o tema, gerando uma discussão, e ao final os professores são divididos em grupos para que articulem formas de como vão trabalhar a temática na sala de aula. Dentre as formas utilizadas pelos professores é recorrentemente usado o poema, a música, o teatro, contação de histórias, entre diversas outras formas lúdicas.

A temática ‘Comunicação não violenta para uma cultura de paz’ será abordada neste trabalho como resultado do acompanhamento das formações e culminâncias do primeiro semestre de 2019 em que esta foi abordada no município de Tamboril, nas escolas da zona urbana e rural. Pretende-se aqui apresentar a relevância, discussões e resultados desta temática no ambiente escolar e seus reflexos na comunidade por meio das percepções relatadas pelas professoras entrevistadas.

A “Cultura de Paz” é uma iniciativa de longo prazo e se realiza através da preservação e da valorização da diversidade cultural de modo a facilitar o diálogo interétnico e intercultural entre as diversas nações. Ela está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não-violenta dos conflitos através da tolerância e da solidariedade, respeitando os direitos individuais, além de assegurar a sustentar a liberdade de opinião. É um processo constante que precisa ser aprendido, desenvolvido e colocado em prática no cotidiano da vida familiar, social e cultural (Martinot e Fiedler 2016, p.71).

Objetivou-se conhecer, a partir da percepção dos professores das escolas municipais, os resultados e impactos no comportamento dos alunos (as), após a discussão da temática “Comunicação Não Violenta para uma Cultura de Paz”. Abordar esta temática é importante por discutir um problema tão recorrente como é a cultura de violência, que perpassa as relações tanto no ambiente escolar quanto extraescolar. Mostrando a importância de a escola considerar estas discussões que estão também no seu entorno e afeta seus alunos (as) e, portanto, interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

O percurso traçado para o desenvolvimento deste trabalho foi composto por meio de participação nas formações de professores, nas culminâncias das escolas CEI Maria Luisa do Vale e José Ramiro Teixeira Jorge, ambas no município de Tamboril, localizado nos Sertões de Crateús-CE. Essas escolas fazem parte do Projeto Contexto desenvolvido pela Cáritas, o qual visa implementar nas escolas da Região dos Sertões de Crateús, a proposta de Educação Contextualizada para convivência com o semiárido.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco professoras, sendo uma delas a diretora da escola. Para garantir o anonimato, não foi revelado os nomes das pessoas entrevistadas, indetificando-as com o nome “professora”, seguindo de um número, assim sendo professor 01, professor 02 e assim sucessivamente. Além disso, fez-se leituras bibliográficas sobre o tema em questão e análise dos dados coletados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa.

DESENVOLVIMENTO

A temática comunicação não violenta (CNV) foi motivada a partir do II Encontro da Educação Emancipadora e Cultura de Paz: os desafios enquanto política pública, realizado pela plataforma marco zero. No referido encontro foi assinado um acordo de cooperação técnica com as secretarias de educação de 17 municípios do estado do Ceará, com o objetivo de estabelecer parcerias para a implementação da mediação escolar, práticas restaurativas, como uma política de redução dos impactos da violência nas escolas públicas municipais, urbanas e rurais.

Entendemos, portanto, que os dois elementos centrais aqui abordados [Educação Contextualizada & Cultura de Paz] apontam na direção da superação das

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

desigualdades sociais, dos valores fundamentais de paz, liberdade, igualdade de direitos e dignidade humana contribuindo para que as políticas públicas levem a uma democracia mais participativa e a um mundo mais equitativo, sustentável e inclusivo (WE WORLD, 2018, p.03).

A principal base teórica usada para a sistematização da temática corresponde a teoria de comunicação não-violenta de Marshall B. Rosenberg, psicólogo norte americano que desenvolveu técnicas de comunicação nos anos sessenta em meio aos conflitos de segregação racial nos Estados Unidos quando trabalhava de orientador em escolas e universidades (ROSENBERG, 2003, p.4).

A comunicação não-violenta formula técnicas para uma melhor comunicação interpessoal que ajudam a nos relacionar mesmo em meio aos conflitos, de forma compassiva através da empatia.

A CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Somos levados a nos expressar com honestidade e clareza, ao mesmo tempo que damos aos outros uma atenção respeitosa e empática (ROSENBERG, 2003, p.21).

Neste sentido, a comunicação é uma ferramenta significativa na mediação de conflitos para uma cultura de paz no âmbito social e escolar. Desta forma, o educador pode utilizar esta ferramenta para mudar a realidade violenta do meio educacional. Segundo Santos (2018, p.91):

[...] através da expressão verbal e não verbal o profissional da educação transmite seu conhecimento podendo despertar no aluno o interesse em aprender e conquistar seu espaço no âmbito profissional e social. Estimular o discente a partir de técnicas da comunicação não-violenta produz uma nova abordagem de sua realidade singular, e coíbe a violência cultural.

No âmbito escolar os desafios são maiores, pois se somam os conflitos que emergem das realidades individuais, que são marcadas por conflitos originados de uma estrutura social desigual, marcadas por relações de opressão pela classe, raça, gênero dentre outros, porém, passíveis de transformação. Nessa perspectiva, Conceição e Zamora (2015, p.706) consideram que “A desigualdade social é um fenômeno histórico e possível de ser revertido. Suas várias formas (de classe, racial, sexo etc.)”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa realizada, foi possível compreender a visão que as mesmas têm sobre essa forma de educar. É notório, segundo suas falas, que a educação contextualizada não despreza a realidade extraescolar do discente. Essa percepção está expressa na fala da professora 01: “Educação contextualizada é mais do que um projeto de lei, é mais do que qualquer outra coisa ela é um jeito de fazer educação, educação contextualizada tem como princípio trabalhar o que cerca a criança...”.

Um dos efeitos que pode-se constatar através das falas é que a educação contextualizada aproxima a família do ambiente escolar, fato esse que auxilia no processo educativo, como relata a professora 02: “Como a gente trabalha o meio da criança, então é uma estratégia até pode se dizer assim, de trazer a família pra dentro da escola, porque a gente vai ta abordando constantemente assuntos e coisas que acontecem com a criança”.

Referente à temática trabalhada Comunicação não violenta para Cultura de Paz as professoras acharam importante essa abordagem no ambiente escolar devido à realidade vivenciada por elas, pois através dessa abordagem torna-se possível discutir questões que antes eram pouco abordados em sala de aula para que fosse possível o enfrentamento da cultura de violência existente na sociedade e principalmente na escola.

Segundo a professora 03,

“Esse ano pra mim foi maravilhoso esse tema que foi a cultura de paz nas escolas, que é o que a gente enfrenta diariamente né, que é a violência. Por mais que eu trabalhe na educação infantil as pessoas podem achar que não existe violência entre as crianças, mas existe. Existe preconceito também entre eles, a gente acha que não tem, mas tem. Não querem sentar perto um do outro, dizem que o colega ta sujo quando volta do recreio, então com esse tema foi bom para se trabalhar isso aí, a questão de eu sou diferente dele, eu não vou ficar perto dele porque ele é diferente de mim.”

A escola é um espaço em que acontecem diversas manifestações de violências, na realidade analisada também não foi diferente, segundo os relatos das educadoras as violências relacionadas a questões etnico-raciais são muito presentes assim como o bullying e a falta de empatia.

“Contextualizando o meio da criança, no caso aqui porque que a gente trabalhou tanto o bullying, o preconceito racial, porque tem demais aqui. A questão daquela dinâmica do abraço eles não sabem ter afeto um com o outro, então a gente fez uma contação de história, a gente fez o canto da leitura, fiz a dinâmica da maçã, mostrei uma maçã saudável e mandei elogiar a maçã, a segunda eu mandei pisotear e xingar, como foi que ficou a maçã xingada destruída? vai prestar pra comer? Não! o que eu quis com isso? Quis mostrar que o bullying é desse jeito, fica do mesmo jeito o coração da pessoa que sofre o bullying” (Professora 04).

No processo educativo familiar é comum observar que a violência é recorrente nas relações e muitas vezes é considerada como o método mais eficaz para educar. A violência verbal é a principal forma que as famílias utilizam para se comunicarem, impulsionando a cultura da violência. Ao vivenciar essas situações as crianças carregam consigo essas características violentas, culminando em comportamentos agressivos em sala de aula. Fazendo um paralelo com essa discussão a professora 05 Considera que,

“A violência ainda é muito presente na questão de educar a criança, quando a gente maltrata um idoso, quando a gente bate numa mulher tudo isso é violência mas quando a gente bate em uma criança é educação, então assim, existe essa cultura de violência para legitimar a educação de uma criança, uma criança para aprender ela precisa apanhar”.

No círculo familiar as relações são marcadas por uma hierarquia, onde a criança ocupa uma posição inferior aos adultos, por ser considerada historicamente como um adulto incompleto, e por isso a fase da infância não recebe a devida atenção, e as suas subjetividades são ignoradas.

[...] “a infância é concebida como possibilidade e inferioridade. Enquanto “possibilidade” significa ser objeto de intencionalidade política numa visão futura, já que a criança não é vista em si como ela é, mas como possibilidade daquilo que será “inferioridade” significa a criança ser o outro desprezado (LUSTIG et al, 2014, p.4).

Segundo Esteves e Rocha (2018, p.3): [...] “antigamente a criança era tratada como um ser irracional, que não assimilaria conhecimentos, sem freios, que deveria ser trazida em rédeas curtas para ser dominada, precisando ser amansadas para uma convivência.”

A Professora 06 enfatizou que:

“Esse tema específico vem fazer com que a gente desconstrua isso com as famílias que as crianças elas podem aprender valores eles podem ser pessoas muito boas no mundo sem precisar apanhar porque isso é violência, a gente não precisa usar violência e nem deve usar a violência dizendo que ela tá apanhando pra aprender porque ela aprende a violência e ela vai reproduzir a violência com os professores, ela vai reproduzir a violência com os colegas e quando adulto ela vai entender que se ela não tiver uma coisa que pra ela conseguir as coisas o caminho é a violência”.

Esta visão da criança inferior difere da visão moderna, porém seus efeitos perdurem até os dias atuais como foram apontadas nas falas anteriores das entrevistadas, na visão moderna a criança é dotada de direitos e suas subjetividades são pautas a serem trabalhadas no ambiente escolar. Durante as visitas às escolas foi percebido o trabalho realizado pelos

professores sobre a conscientização desses direitos. Assim, como também foi trabalhado com os pais e mães das crianças.

O objetivo da temática é fazer com que haja uma transformação positiva no comportamento do aluno, evitando a violência para que o processo de ensino-aprendizagem seja facilitado, como a educação contextualizada não é algo pronto, as professoras tiveram que buscar formas de trabalhar os pontos trazidos na temática, mas com a ajuda das formações modulares.

“A gente trabalhou a questão da mordida com musiquinhas, com tarefinhas aí tem ajudado bastante porque aí eles vão diminuindo a questão da mordida do empurrão que não pode bater então o projeto ajudou muito pra gente trabalhar esse tema” (Professora 03).

Uma das chaves principais da comunicação não violenta é a empatia que deve ser como uma base das relações interpessoais que se dá entre professor(a)/aluno(a) e/ou aluno(a)/aluno(a). Trabalhar nessa perspectiva ajuda a conviver com as diferenças. Os seus efeitos podem ser percebidos na fala da professora 02 ao dizer que, “Na nossa escola tem uma criança que é especial e de início as crianças não queriam sentar perto dela e a gente trabalhou isso aí e teve um resultado bem legal”. Para a autora Stigert (2017, p.23) “O mundo não é visto apenas com nossos olhos: olhar sob a perspectiva do outro nos permite, de fato, enxergá-lo. Sendo assim, o professor e aluno aprendem que cada indivíduo tem suas peculiaridades”.

Mudanças no comportamento das crianças são percebidas ao trabalhar a comunicação não violenta nas escolas. Segundo fala das professoras, as mães, os pais e demais familiares, relatam que percebem seus filhos(as) desconstruindo a cultura da violência e influenciando positivamente outros membros da família.

“A questão de trabalhar a agressividade com as crianças que de início tinha muito também conscientizar os pais que a criança reflete o que eles vivenciam em casa ... Nessa ultima reunião de pais que nós tivemos eles falaram nas mudanças que os filhos tiveram, na questão de falar alto gritar, eu sou professora mas também sou mãe como mãe também serviu” (Professora 02).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se ao fim desta pesquisa, que a temática Comunicação não violenta para uma cultura de paz, foi bem recebida pelos professores e gestores das escolas, pois a violência perpassa as relações no ambiente escolar, se tornando uma preocupação e um obstáculo no

processo de ensino-aprendizagem, assim como uma preocupação apontada pelos pais, mães e responsáveis dos alunos(as).

Percebeu-se então que a temática causou impactos positivos no comportamento entre os sujeitos no ambiente escolar, assim como no extraescolar. Fortalecendo a proposta da Educação Contextualizada que é levar em conta o contexto do aluno, no intuito de causar mudanças nas realidades individuais e coletivas e que estes sejam agentes na transformação da sociedade.

Porém, é importante garantir a continuidade da temática pelos próximos semestres e a cada dia do convívio escolar, para que seus valores perdurem e continuem gerando frutos também na comunidade, transformando a realidade.

REFERÊNCIAS

MARTINOT, Annegret F.; FIEDLER, Augusto José C.b. do Prado. A IMPORTÂNCIA DA CNV – COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NA REALIZAÇÃO DO PROCESSO DE AUTOCONHECIMENTO. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 11, n. 1, p.71-71, jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/2174-7774-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2019.

ROSENBERG, Marshall B.. **Comunicação não violenta**. São Paulo: àgora, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps_8wekyb3d8b bwe/LocalState/Files/S0/3/Attachments/Comunicação-Não-Violenta[131].pdf>. Acesso em: 02 jul. 2019.

SANTOS, Maria Angélica da Silva Costa. A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA COMO INSTRUMENTO PARA UMA CULTURA DE PAZ: UMA PROPOSTA PARA AS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE SERGIPE. **Ideias & Inovação**, Aracaju, v. 4, n. 2, p.89-102, maio 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/5611-15814-1-SM.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2019.

CONCEIÇÃO, Viviane Lima da; ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade social na escola. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 4, p.706-706, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2015000400705>. Acesso em: 04 jul. 2019.

LUSTIG, Andréa Lemes et al. CRIANÇA E INFÂNCIA: CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL. **Contextos Educativos da Infância**, Mato Grosso, v. 1, n. 1, p.4-4, nov. 2014. Disponível em: <http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR18.1.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

ESTEVES, Rosa Maria Gouvêa. XI SIMPED – SIMPÓSIO PEDAGÓGICO E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, 11., 2018, Rio de Janeiro. **A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Rio de Janeiro: 1, 2018. 3 p. Disponível em: <https://www.aedb.br/simped/artigos/artigos18/36927451.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2019.

STIGERT, Ludmila. **Comunicação não violenta**. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2017. 25 p.